



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO MBITO ESCOLAR

Elisabete Cristina Santos da Silva[1]

RESUMO: O presente trabalho[2] tem por finalidade apresentar os resultados do estágio no Curso Médio modalidade Normal do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas, cujo objetivo era compreender as relações interpessoais que se dão no âmbito escolar. Dessa forma, percebemos o quanto as relações influenciam no processo de ensino/aprendizagem, uma vez que o conhecimento se constrói através da interação com o outro. Nesta perspectiva, partimos do pressuposto que os saberes são construídos através do movimento dialético e dialógico, uma vez que as relações perpassam o processo de interação entre os sujeitos. Assim, buscamos respaldo teórico em Freire (2010) Siqueira (2003), Brandão (1994) dentre outros, para fundamentar nosso trabalho, tendo em vista a necessidade de buscar reflexões acerca.

PALAVRAS-CHAVE: Relações interpessoais; Conhecimento; Processo de ensino-aprendizagem.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo presentar los resultados de la etapa en East Course modo Normal de la pedagogía, de la Universidad Federal de Alagoas, cuya meta era entender las relaciones interpersonales que se producen en la escuela. Así, vemos cómo las relaciones influyen en el proceso de enseñanza / aprendizaje, ya que el conocimiento se construye a través de la interacción con los demás. En esta perspectiva, se asume que el conocimiento se construye a través del movimiento dialógico y dialéctico, ya que las relaciones se extienden por el proceso de interacción entre los sujetos. Por lo tanto, buscamos apoyo teórico de Freire (2010) Siqueira (2003), Brandão (1994), entre otros, para apoyar nuestro trabajo, en vista de la necesidad de buscar la reflexión sobre.

PALABRAS CLAVE: relaciones interpersonales, conocimiento, procesos de enseñanza-aprendizaje.

INTRODUÇÃO

As relações humanas permeiam todo o processo de interação entre as pessoas, por isso elas marcam a vida dos sujeitos e deixam traços, uma vez que são responsáveis pela aproximação ou distanciamento entre os mesmo. Assim, encontramos no seio das relações escolares, traços de afetividade entre alunos e alunos, alunos e professores; por outro lado, encontramos neste mesmo espaço relações de poder, exclusão e discriminação, que podem gerar animosidades.

Após, trabalho de investigação realizado entre os alunos de uma Escola de Ensino Médio, modalidade Normal, através de um questionário aplicado decidimos pela realização deste trabalho. O questionário nos revela, dentre outras questões, uma ênfase nas relações interpessoais na citada Escola.

Dessa forma, sentimos a necessidade de estudar essas relações, uma vez que são corresponsáveis por um bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, como também por uma abertura às diferenças, tendo em vista como nos diz Freire (2010 p. 53) que nossa “passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida”. Buscamos compreender as relações entrelaçada ao conhecimento, visto que não construímos saberes sozinhos, mas em construção com o outro.

É importante compreender que a instituição escolar não é um corpo neutro e isolado da sociedade, mas envolvido com ela, de forma que as subjetividades são ressaltas no interior da escola e que por isso existem as configurações de identidades nas relações. Nesta perspectiva nos debruçamos sobre os autores Freire (2010), Siqueira (2003), Brandão (1994) dentre outros, para dar respaldo teórico ao nosso trabalho.

1. As relações e a construção do conhecimento.

As relações humanas no seio de sua origem consistem nas interações entre os sujeitos, pois são elas que permeiam todo o processo de comunicação entre as pessoas na sociedade. Com base em Siqueira (2003) podemos afirmar que o ser humano por si só é um ser social por natureza; e, é essa capacidade social que nos move para as relações grupais e sociais no mundo. Dessa forma, as primeiras relações que o sujeito desenvolve e constrói conhecimento é na família, nos primeiros contatos da criança com seus pais, em seguida seus irmãos e as pessoas exteriores, e são essas relações iniciais que permitem à criança iniciar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Esse processo de perpassa as relações sociais e humanas, se dando a partir das interações entre os sujeitos, de modo que a afetividade e as relações de poder são eixos opostos e constituintes nas instituições de ensino, uma vez que, uma serve para aproximar e outra para distanciar o processo de aprendizagem. No segundo caso fica à margem do processo de interação entre os sujeitos. É impossível que a educação aconteça sem interações entre pessoas, sem a troca de experiências, uma vez que compreendemos o conhecimento como um processo dialético, de trocas e construção de saberes.

É por meio das interações que se tecem na escola que as relações humanas e interpessoas vão se constituindo, de modo que estejamos todos imersos nessa construção do saber. Dessa forma, compreendemos o ensino como um movimento dialético e constante e, ainda recorrendo a Siqueira “não pode e não deve ser algo estático e unidirecional” (idem, 2003 p.98). Assim, é relevante ressaltar que a relação professor-aluno é um componente fundamental no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, como diz Tassoni:

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações. (sem data p. 3).

Acrescento aos dizeres de Tassoni que a “base afetiva”, se compõe da ética própria à profissão docente. Corroborando com esta nossa posição podemos citar Freire quando nos dia que:

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. (idem, 2010, p.141).

Ensinar segundo Freire (2010) significa criar possibilidades para a construção do conhecimento. Assim, o professor deve se colocar no papel de mediador do saber, de forma que compreenda as relações que perpassam a sala de aula e entenda o movimento do conhecimento que acontece no seio das relações escolares, bem como fala Siqueira, já citado por nós, (2003 p. 98) “[...] a sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos; é, também, local de aprendizado de valores e comportamento, [...]”.

Dessa forma, o professor não deve se colocar em uma postura de detentor do saber, mas um construtor de conhecimento que, junto ao educando está disposto a construir uma sociedade melhor. É através da compreensão de ensinar e aprender, que o professor tem uma postura compromissada com a educação dialética de “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2010 p. 23). Essa compreensão do processo de construção do saber coloca mais perto o educando do educador, em uma relação que não se dá em uma única via, mas em mão dupla, ainda recorrendo a Freire: “É nesse sentido que insisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas”. (idem, 2010 p. 14).

O conhecimento científico, embora tenha como mediador/condutor a pessoa do professor em sala de aula, este acontece também nas interações humanas entre os distintos sujeitos, dentro e fora da escola. Como diz Tassoni:

Considerando que o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular, é, portanto, através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma apropria-se (ou constrói) novos conhecimentos. (idem, sem data p. 6).

Portanto, a construção do saber acontece de modo não linear e nas relações dos sujeitos, despertando no outro a curiosidade de conhecer. Não há uma fórmula para o conhecimento, nem tão pouco uma receita de educação, o que há são educações, como Brandão (1994) nos fala em educações, educações que se dão no eixo da sociedade de diferentes formas e maneiras. Entretanto podemos instigar no outro o desejo de conhecer, e o conhecimento nos move para o outro, uma vez que não aprendemos sozinho e estamos sempre em transformação. Assim, através das relações desenvolvemos o senso de coletividade, entendendo as subjetividades e singularidade de cada pessoa, desejando a “aquisição de uma mentalidade científica lógica e participativa, que poderá possibilitar ao indivíduo, bem orientado, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal”, conforme diz Siqueira. (2003 p.98).

1. As relações de Poder na instituição escolar

As relações de poder têm origem no seio da sociedade, quando esta ainda se constituía, em condição de domínio entre as pessoas e imbricadas nas estruturas sociais, políticas e econômicas. Assim, as relações de poder são marcadas pela história por volta do séc XIII, quando eram demarcadas pela igreja, bem como nas relações X empregados. Naquele período, a igreja era a instituição de grande poder sobre as pessoas e nas vidas dela, sendo a única responsável a princípio pela educação formal. Através de seus ensinamentos e preceitos a igreja se mantinha no poder e mantinha a coesão das pessoas, uma vez que o conhecimento produzido era próprio da instituição religiosa. Durante muito tempo, a sociedade viveu mais explicitamente a separação entre a elite e o povo e conseqüentemente a educação também era diferenciada, pois como diz Resende, o “mesmo poder que dividia a sociedade continuou dividindo a educação. O ensino e métodos eram diferenciados para as duas classes sociais.” (RESENDE, 1995 p.41). E eu diria que historicamente e disfarçadamente esta situação permanece.

Com a modernidade, as formas de poder apenas mudaram de nome, mas continuaram e continuam se

fazendo presente nas relações humanas e sociais. Assim, as relações de poder permeiam as instituições sociais, inclusive a instituição escolar, como uma forma de manter a ordem. Mas, tal ordem se refere à primeira adaptação à sociedade vigente. O que esquecemos é que o poder bem com ressalta Resende (1995) coloca as pessoas em lugares diferenciados e institui a separação entre dominados e dominadores. É dessa forma, que as relações de poder se fazem presentes na escola e na maioria das vezes, entre diretores/gestores, professores/alunos, se apresentando como um elemento necessário à convivência “organizada”, ou seja, no sentido de ordem que já citamos. Infelizmente, ainda existem estas relações hierárquicas e dominantes que separam as pessoas e influenciam no desenvolvimento delas do conhecimento e da própria democracia. Ainda recorrendo a Resende, “o poder passa de um indivíduo para uma função e aí ele se torna impessoal, pode ser transmitido, exercido de forma coletiva e padronizar-se para diferentes culturas”. (Idem, 1995 p. 46).

Entretanto, não podemos deixar de apontar que posturas de poder entre as pessoas, em particular na escola, causa distanciamento entre os diferentes sujeitos e do processo de participação coletiva na instituição. Além do mais, as relações interpessoais no âmbito escolar são responsáveis, não só pela colaboração coletiva na tomada de decisão, mas como promissora de um ambiente educativo dialético entre os sujeitos. Sabe-se que é importante, ter a clareza de cada papel na instituição, sabe-se, também, que o respeito ao outro é de extrema relevância para uma boa relação entre as pessoas. No entanto, não é impondo poder que se adquire respeito, mas conquistando-o. Assim, é importante que todo o corpo docente, esteja aberto para as relações mais próximas e dialógicas, no intuito de promover um contato direto com as pessoas que fazem parte da escola, para que possam crescer como pessoas, como profissionais.

As relações de poder presentes nas escolas geralmente se dão entre professores e alunos permeadas de contradições e angústias, isto porque, encontramos educadores que se colocam à margem do processo educativo, exercendo apenas o papel de executor de conteúdos. Como vimos, o conhecimento se dá por meio de interações, do movimento de ensinar/aprender; e as relações entre professor e educandos devem ser marcadas pelo mútuo respeito e pela busca constante de conhecer.

A relação professor-aluno é marcada pelo saber, como sujeitos construtores do conhecimento, ambos com sua importância e papel. Um não existe sem o outro, pois como nos diz Freire (2010) aquele que ensina também aprende ao ensinar. Entretanto, esses papéis não se configuram em situações em que alguns educadores assumem uma postura militar e tradicional no ato de ensinar. Dessa forma, encontramos posturas detentoras do saber que veem no aluno um depósito de informações. O conhecimento é construído na medida em que o diálogo é estabelecido e a abertura para a intervenção é concedida, não é uma via única e estabelecida, mas dialética e problematizada. Assim, Freire (2010) nos diz: “É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.” (idem, 2010 p.23).

Nesta perspectiva, é importante que se estabeleça um comprometimento com o saber, como sujeitos construtores do conhecimento, como já dissemos, isto porque a relação entre docente e discente é marcada pelo compromisso social que cada um assume. A relação entre ambos, reflete na maioria das vezes no desenvolvimento educacional dos alunos, tendo em vista que o professor é elemento chave no processo de construção de conhecimento. Em Minicucci (1971/89) vamos encontrar que:

O autêntico professor não deve cristalizar-se pela rotina. Deve, sim observar, pesquisar, experimentar, com o fim de melhorar a sua ação didática de professor, tendo em mente que está lidando com a matéria mais cara da natureza. (idem, 1971/89 p. 35).

A proximidade entre ambos não coloca em questão a definição de papéis, mas releva a preocupação que ambos têm em aprender, em construir saberes. É nesse sentido que o educador deve se colocar, no intuito de garantir um bom desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem, pois como diz Siqueira,

“a relação estabelecida entre professores e alunos constitui o cerne do processo pedagógico” (2003 p.98).

As relações interpessoais na escola são demarcadas não só pela figura do professor e aluno, mas também pela própria direção, gestão, que, na sua maioria nem sempre procuram se envolver com o alunado. É importante destacar o quão é essencial que a direção/gestão esteja aberta a ouvir a voz dos alunos, uma vez que os mesmos têm muito a contribuir para o melhor da instituição e estão dispostos a agir para o progresso da escola; o que acontece, é que não são ouvidos e são mal interpretados pelas formas de reivindicações. É necessária uma postura disponível, para que juntos coletivamente possamos construir uma escola melhor, pois ainda recorrendo a Freire, “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (2010 p. 136).

As relações interpessoais vão se alicerçando a partir da afetividade entre as pessoas, entre as amizades que vão se tecendo entre as relações, são elas que colocam em movimento os desejos dos educandos, seja de forma positiva ou negativa, isto porque a densidade daqueles que marcaram negativamente é tão importante quanto daqueles que deixaram sinais positivos, uma vez que esses sinais influenciam no desenvolvimento de suas personalidades pessoais e no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, as relações interpessoais fazem parte das relações humanas como um todo e das relações que permeiam a escola, sendo responsáveis pela aceitação do outro e respeito pelas distintas singularidades, uma vez que vivemos em uma sociedade multicultural, com diferentes sujeitos e relações grupais. A escola assim é responsável não só pela educação formal, própria da instituição, mas também pela formação ética e moral, de sujeito cidadão do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações interpessoais permeiam toda a vida humana. Neste sentido é natural que hajam discordâncias, uma vez que somos seres heterogêneos. No entanto, nossas singularidades não podem e não devem ser motivos para o distanciamento dos sujeitos, tendo em vista que somos da mesma espécie e que não se constrói conhecimento sozinho e que somos seres sempre inacabados; o conhecimento é constante e sempre se renova, ninguém é tão inteligente que não tenha algo a aprender e a ensinar.

Desta forma, percebe-se que as relações interpessoais assumem um importante papel no processo de construção do conhecimento, visto que interferem no processo de ensino-aprendizagem. A construção do saber encontra-se intimamente, pois, ligada às relações, em um movimento dialético e dialógico. Por outro lado, ainda encontramos nas escolas traços de uma educação elitista e tradicional, onde as formas de poder são extremamente ressaltadas entre os sujeitos. Portanto, percebemos que as relações interpessoais perpassam as estruturas físicas e sociais, visto que todo o processo de desenvolvimento dos sujeitos é permeado pelas relações e são elas as responsáveis pelo movimento de idas e vindas na construção do conhecimento. Ao passo que aprendemos também ensinamos e contribuimos para que a sociedade se transforme e se renove sempre.

NOTAS:

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: elisabetecrissilva@gmail.com

2 Trabalho orientado pela Professora Doutora Ana Maria Gama Florencio. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas. Tem experiência na área de Educação e Análise do Discurso, com ênfase em Linguística, Letras e Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: sujeito, discurso, identidade, efeito de sentidos, transformação, avaliação da aprendizagem escolar, planejamento, currículo, didática, estágio supervisionado. E-mail: amflorencio@uol.com.br.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação. 30º ed.** : Brasiliense, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática docente. 42ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010. (Coleção leitura).

MINICUCCI, Agostinho. **Relações humanas na escola.** 2ª ed. São Paulo: Edições melhoramentos, 171/89.

SIQUEIRA, Denise de Cássia Trevisan. **Relação professor – aluno:** uma revisão crítica. Maio, 2003. (mimeo).

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem:** a relação professor-aluno. (mimeo).
